

**XIX  
CONBRACE**  
**VI CONICE**  
08 a 13 de setembro de 2015  
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE  
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:  
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO  
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

## CRIANÇAS, INFÂNCIA E ESCOLARIZAÇÃO: TENSÕES ENTRE AS CULTURAS ESCOLARES E AS CULTURAS INFANTIS... PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA

Marciel Barcelos Lano <sup>1</sup>  
Amarílio Ferreira Neto <sup>2</sup>

*PALAVRAS-CHAVE: ensino fundamental de nove anos; cotidiano escolar; práticas de resistência*

### INTRODUÇÃO

Desde 2010, as instituições de educação infantil passaram a receber obrigatoriamente crianças de 6 anos, em determinação ao prazo máximo conferido pela Lei n.º 11. 274, de 6 de fevereiro de 2006. Nesse sentido, a criança de 6 anos, em transição da educação infantil para o ensino fundamental, tem sido objeto de estudo<sup>3</sup> do campo da Educação, no que tange às questões legais e de financiamento, práticas docentes e formação de professores.

Em mapeamento realizado nos periódicos da área da Educação Física, de 2006 a 2014, observamos a carência de publicações sobre a transição da educação infantil para o ensino fundamental pela área da Educação Física, bem como a ausência de estudos que fossem a campo observar as tensões, negociações e acordos tácitos que constituem a complexidade das relações cotidianas dos autores escolares, que estão diariamente inseridos nos processos de transição entre a educação infantil e o ensino fundamental.

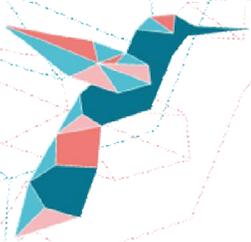
Mediante isso, nosso objetivo é compreender as concepções de crianças, infância e escolarização dos praticantes (CERTEAU, 1994), professora com formação em educação física, professora regente e coordenador de turno por meio das práticas. Entender essa questão possibilita-nos saber como as experiências desses praticantes têm dialogado com as culturas escolares e infantis no trabalho pedagógico com crianças de 6 anos nos dois primeiros níveis de ensino da educação básica. Desse modo, os estudos do cotidiano de Certeau (1994) nos auxiliam na compreensão do repertório de práticas, das táticas e estratégicas presentes nas ações e na retórica dos praticantes do cotidiano que, na escola, produzem práticas de resistências às lógicas escolares. Entendemos como práticas de resistência as ações cotidianas dos praticantes, professores e coordenador de turno que tensionam as rotinas escolares e produzem rompimentos nos espaços e tempos da escola, com intuito de proporcionar às crianças recém-inseridas no ensino fundamental uma aproximação com o cotidiano anteriormente vivido na educação infantil.

Ricoeur (1994) contribui para o entendimento das narrativas produzidas pelos praticantes, ao conceituar as três dimensões temporais da narrativa. Segundo o autor, produzimos narrativas no presente que ganham sentido à proporção que os fatos são revelados no ato de narrar. Assim, podemos narrar no presente um fato do passado (presente-passado), do presente (presente-presente) ou projetar uma ação no futuro (presente-futuro).

### OBJETIVO

---

<sup>3</sup> Realizamos um mapeamento da produção científica sobre a transição da educação infantil para o ensino fundamental, por meio do Portal de Periódicos da Capes, nas áreas da Educação e da Educação Física, tendo como critério de inclusão e exclusão publicações em revistas de estrato B3 a A2.



Compreender as concepções de crianças, infâncias e escolarização dos praticantes, professores e coordenador de turno, que interagem cotidianamente com as crianças de 6 anos no ensino fundamental.

## METODOLOGIA

Este estudo faz parte da dissertação de mestrado em Educação Física com conclusão prevista para março de 2016. Desse modo, nossos dados foram produzidos entre março e dezembro de 2014. O método de pesquisa científica foi o estudo de caso etnográfico (SARMENTO, 2003), em que estivemos inseridos três vezes por semana na Escola Espírito Santo<sup>4</sup>, acompanhando as aulas de Educação Física da professora regente, as rotinas escolares e as atividades extracurriculares. A turma do 1.º ano era constituída de sete meninas e treze meninos, moradores dos bairros de classe média alta e baixa do município de Vitória-ES.

Como instrumentos de coleta de dados, usamos as narrativas, entrevistas e registros de campo. As análises foram realizadas por meio da triangulação de fontes, que consiste na análise de um fato cotidiano do ponto de vista de todos os materiais de registros, evitando a supervalorização de um dado quando comparado com outro (SARMENTO, 2003).

## ANÁLISE E DISCUSSÃO

Para compreendermos as concepções de crianças, infância e escolarização dos praticantes, professores e coordenador de turno, criamos categorias de análise que buscam apresentar as suas concepções sobre tais temáticas, a saber: práticas de resistência, a criança na escola e a criança ainda não e quase lá.

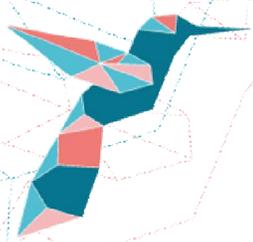
Em “práticas de resistências”, os praticantes promovem ações táticas e estratégicas (CERTEAU, 1994) nas rotinas escolares, que provocam fissuras no intuito de produzir momentos em que as crianças de 6 anos sejam protegidas e cuidadas. Durante a semana, essas crianças entram no recreio 20 minutos antes dos demais alunos da escola. Esse acordo tácito visa possibilitar às crianças a ocupação dos espaços da escola, sobretudo o parquinho, que, no entendimento dos praticantes, é um modo de aproximar as crianças do 1.º ano ao cotidiano anteriormente vivido, porém preservando as intencionalidades do ensino fundamental.

A categoria de análise “a criança na escola” apresenta o processo de escolarização do ensino fundamental como momento de ruptura entre as culturas infantis e escolares, ao demarcar, em suas narrativas, a educação infantil como lugar da brincadeira e o ensino fundamental como local do ensino sistematizado. Contudo, o que encontramos no cotidiano escolar foi um repertório de práticas e retóricas (CERTEAU, 1994) que encontravam na inventividade um fazer pedagógico que possibilitou às crianças de 6 anos aprender os conhecimentos científicos, artísticos e culturais por meio dos jogos, brinquedos e brincadeiras, tanto nas aulas da professora com formação em Educação Física quanto nas aulas da professora regente.

“A criança ainda não e quase lá” apresenta um discurso dicotômico dos praticantes professores e coordenador de turno. Por meio das narrativas do presente-passado (RICOEUR, 1994), os autores escolares rememoraram suas expectativas quanto à chegada dessas crianças na Escola Espírito Santo, ressaltando os problemas enfrentados durante as primeiras semanas

---

<sup>4</sup> Para garantirmos o anonimato dos participantes da pesquisa, alteramos os nomes da instituição, professores e coordenador de turno.



de aula, como o choro, a carência de afeto e os problemas familiares que se apresentaram no cotidiano escolar. As narrativas no presente-presente (RICOEUR, 1994) evidenciaram as práticas produzidas na primeira semana de aula para acolher as crianças de 6 anos, no intuito de reduzir o estranhamento do local e posteriormente pedagógico. Por meio da integração com as outras crianças da escola e dos brinquedos, jogos e brincadeiras definidas em planejamento coletivo, os professores e coordenadores pedagógicos construíram as atividades com o objetivo de proporcionar um momento de resgate das culturas infantis, sem perder de foco o papel social da escola.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que as lógicas do trabalho pedagógico com as crianças de 6 anos são tensionadas pelas representações de crianças, infâncias e escolarização dos praticantes, professores e coordenador de turno. Esses autores escolares interferem nas rotinas cotidianas, produzem momentos e práticas específicas no fazer diário com as crianças da turma do 1.º ano.

Nesse sentido, percebemos que os responsáveis por trabalhar a transição entre a educação infantil e o ensino fundamental buscam, na mediação das culturas infantis e escolares, produzir fissuras nos espaços e tempos da instituição. Essas ações buscam apropriar e (res)significar as rotinas da educação infantil, de modo que se potencialize o processo de transição entre os dois primeiros níveis da educação básica.

## REFERÊNCIAS

- CERTEAU, B. A invenção do cotidiano: **Artes de fazer**. Ed.14. Petrópolis, Rio de Janeiro: 1994.
- RICOEUR, P. Tempo e narrativa, tomo 1. Papyrus: Campinas, São Paulo. 1994.
- SARMENTO, M. J. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, N; CARVALHO, M. P; VILELA, R.A.T. **Itinerários de pesquisa**: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 137–179.

## FONTE DE FINANCIAMENTO

Este trabalho contou com o auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (Fapes).

<sup>1</sup> Licenciado em Educação Física pela Ufes; e-mail: marcielbarcelos@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba/SP; Prof. Titular da Ufes; e-mail: amariliovix@gmail.com